



PODER

Maduro ataca a eleição brasileira e ironiza Lula

Venezuelano acusa TSE de não auditar urnas e é desmentido. Corte suspende envio de técnicos para acompanhar pleito no país vizinho

» RENATO SOUZA

O presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, subiu ainda mais o tom, ontem, em relação ao Brasil. Depois de ter respondido com ironia a observações do presidente Luiz Inácio Lula da Silva sobre a corrida presidencial venezuelana — que ocorre no próximo domingo —, atacou o Tribunal Superior Eleitoral ao acusar o sistema eletrônico de votação de não ser “auditado”.

O TSE não deixou Maduro sem resposta. Além de assegurar que existem várias camadas para garantir a integridade dos pleitos brasileiros, suspendeu o envio de técnicos à Venezuela para acompanhar a eleição ao Palácio Miraflores.

“Em face de falsas declarações contra as urnas eletrônicas brasileiras, que, ao contrário do que afirmado por autoridades venezuelanas, são auditáveis e seguras, o Tribunal Superior Eleitoral não enviará técnicos para atender convite feito pela Comissão Nacional Eleitoral daquele país para acompanhar o pleito do próximo domingo. A Justiça Eleitoral brasileira não admite que, interna ou externamente, por declarações ou atos desrespeitosos à lisura do processo eleitoral brasileiro, se desqualifiquem com mentiras a seriedade e a integridade das eleições e das urnas eletrônicas no Brasil”, salienta a Corte, que publicou, também ontem, anúncio sobre a lisura do sistema eleitoral em horário nobre da tevê.

Maduro atacou, sem provas, o sistema de votação brasileiro em um comício da campanha à terceira reeleição, no estado de Carabobo, na terça-feira. Segundo ele, “no Brasil nem um único boletim de urna é auditado”. E acrescentou: “Temos o melhor sistema eleitoral do mundo, temos 16 auditorias. Em que outra parte do mundo se faz isso?”, afirmou, afirmando que a Venezuela faz auditoria em tempo real de 54% das urnas.

Ricardo Stuckert/PR



Apesar de Lula ser seu maior avalista, Maduro rebateu-o com sarcasmo à avaliação sobre a hipótese de o país vizinho mergulhar em uma espiral violenta



Em face de falsas declarações contra as urnas eletrônicas (...), o Tribunal Superior Eleitoral não enviará técnicos para atender convite feito pela Comissão Nacional Eleitoral (...). A Justiça Eleitoral brasileira não admite que (...) se desqualifiquem com mentiras a seriedade e a integridade das eleições e das urnas eletrônicas”

Trecho da nota do TSE que rebate a acusação de Maduro

Para observadores da situação eleitoral da Venezuela, a subida de Maduro no tom em relação ao Brasil se explica por conta da grande possibilidade de ser derrotado nas urnas pelo candidato da oposição, Edmundo González

Urrutia. Pesquisas mostram que o ex-embaixador venezuelano na Argentina e na Argélia teria 50% das intenções de voto contra 20% do atual presidente.

Daí porque ironizou a observação de Lula, que, na segunda-feira,

em entrevista a correspondentes internacionais, se disse “assustado” com a ameaça de Maduro de que haverá “um banho de sangue” e “uma guerra civil” caso não obtenha a reeleição.

“Fiquei assustado com a declaração do Maduro dizendo que, se ele perder as eleições, vai ter um banho de sangue. Quem perde as eleições, toma um banho de voto. O Maduro tem que aprender: quando você ganha, fica; quando perde, vai embora”, analisou Lula.

Ao que Maduro rebateu: “Não disse mentiras, só fiz uma reflexão. Quem se assustou, que tome uma camomila [que tem efeito relaxante], porque este povo da Venezuela já passou por muita coisa e sabe o que estou dizendo. E na Venezuela, vai triunfar a paz”, afirmou o presidente venezuelano, em

comício no estado de Cojedes, na terça-feira.

Aviso

E explicitou, ontem, que qualquer comentário que o desagrade será encarado como uma interferência indevida no processo eleitoral venezuelano. “Temos fronteira e boa vizinhança com a Colômbia, Brasil e o resto do Caribe. Boa vizinhança: ninguém deve se intrometer nos assuntos internos da Venezuela porque nós não nos intrometemos nos assuntos internos de ninguém”, avisou.

Apesar do mal-estar, o Palácio do Planalto remeteu a Caracas o assessor da Presidência da República para assuntos internacionais, embaixador aposentado Celso Amorim.

Novo inquérito sobre Zambelli

O ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), determinou que a Polícia Federal abra novo inquérito para investigar a ligação da deputada federal Carla Zambelli (PL-SP) com a tentativa de golpe de Estado em 8 de janeiro de 2023. O magistrado atendeu ao pedido da PF, que aponta a parlamentar de articular a ida da influenciadora Elisa Robson à Espanha para levantar dados sobre supostos financiamentos da Venezuela a partidos de esquerda na América Latina e na Europa.

A decisão, a qual o **Correio** teve acesso, está em sigilo. De acordo com as investigações, Elisa teria encontrado o general Hugo Carvajal, que acusava o governo de Nicolás Maduro de repassar recursos também ao candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, à época das eleições presidenciais.

Elisa teria repassado um dossiê sobre o tema ao ex-ministro da Justiça e Segurança Pública Anderson Torres, preso sob a acusação de ter facilitado a tentativa de golpe de 8 de janeiro. Ele determinou que a PF abrisse inquérito a respeito.

De acordo com a PF, a tentativa de golpe começara a ser articulada em julho de 2022. Zambelli teria intermediado a viagem de Elisa um mês antes de uma reunião, no Palácio do Planalto, na qual o ex-presidente Jair Bolsonaro chegou a citar Carvajal. A PF afirma que as afirmações sobre o financiamento venezuelano são “inverídicas” e tinham o objetivo prejudicar a campanha eleitoral e beneficiar Bolsonaro. Moraes afirma que as revelações têm ligações com outras diligências em andamento no Supremo.

Procurada pelo **Correio**, por meio de sua assessoria Zambelli se disse “surpresa” com a decisão “de que teria sido incluída em uma investigação sobre a chamada ‘minuta do golpe’”. (RS)

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

Derrota de Maduro pode repetir a de Pinochet

Para manter a fachada de que os venezuelanos vivem num regime democrático como os demais países da América do Sul, o presidente Nicolás Maduro, sob grande pressão internacional, teve que convocar eleições presidenciais na Venezuela. Fez tudo o que pode e o que não poderia para retirar da disputa os adversários, porém, as pesquisas mostram que no próximo domingo pode ser derrotado pelo candidato de oposição Edmundo González Urrutia, o ex-diplomata que lidera a corrida presidencial com mais de 50% das intenções de voto, contra 20% de Maduro. Outros oito candidatos participam do pleito.

Derrotas eleitorais são corrosivas para os regimes autoritários, mesmo quando o poder central não está em disputa, como ocorreu no Brasil em 1974, 1978 e 1982. Talvez a derrota de

Maduro, com sinal trocado, seja semelhante à do sanguinário ditador chileno Augusto Pinochet. Após 15 anos no poder, o general que depôs o governo de Salvador Allende resolveu, em 1988, dar uma cartada para tentar se legitimar na Presidência por mais um período. Convocou um plebiscito sobre a sua permanência. As eleições venezuelanas serão plebiscitárias.

Maduro recorre a todos os expedientes para conter a oposição, sem sucesso até agora. A tática da oposição venezuelana se parece muito com a da oposição chilena, descrita no filme *No. Nele*, o diretor Plabo Larraín conta os bastidores da campanha publicitária que inviabilizou a permanência de Pinochet no poder. Como no Chile, a comunidade internacional pressiona o regime de Maduro. Sua busca desesperada pela permanência no

poder se parece com a tentativa de legitimação continuista de Pinochet.

Maduro, de 61 anos, está há 11 no poder e tenta a terceira reeleição. Desta vez, não teve como impedir a participação da coalizão de partidos opositores, que também decidiu não boicotar o pleito, quando suas candidatas foram impedidas de concorrer. Maduro havia convocado eleições como contrapartida ao acordo de suspensão das sanções econômicas dos Estados Unidos. Ao tornar inelegível a candidata de oposição María Corina Machado, que liderava as pesquisas, as sanções foram restabelecidas. Em outubro do ano passado, a ex-deputada havia vencido as primárias da oposição, com mais de 90% das indicações, porém, teve a candidatura cassada pelo governo, com ratificação da Suprema Corte da Venezuela.

Maduro manobra descaradamente para fraudar as eleições. Cancelou o convite à missão da União Europeia (UE) para monitorar o processo eleitoral, mas a Organização das Nações Unidas (ONU) confirmou o envio de observadores, que não têm previsão de fazer declarações públicas. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva

tem uma posição ambígua em relação ao pleito, cujo resultado já disse que aceitará. O assessor especial da Presidência, Celso Amorim, foi despatchado para Caracas, onde acompanhará o pleito.

Fraudes à vista

Maduro somente vencerá as eleições mediante uma fraude escancarada, avaliam os principais analistas internacionais. Essa possibilidade é real. A Organização dos Estados Americanos (OEA), além dos EUA e da UE, e os partidos de oposição foram impedidos de fiscalizar o pleito, que não tem paridade de armas.

As condições da eleição estão extremamente desequilibradas, o governo usando todos os recursos estatais para favorecer Maduro. Candidato improvável, Edmundo González mesmo assim abriu 20 pontos de vantagem nas pesquisas. O ex-diplomata é escritor e acadêmico, foi escolhido como candidato de consenso pela coalizão de oposição Plataforma Unitária.

Maduro proibira María Corina de ocupar cargos públicos por 15 anos, acusando-a de fraude, o que ela nega. Depois, sua substituta, a historiadora Corina Yoris, também não pôde concorrer.

Simplemente não teve a candidatura registrada pelo sistema on-line quando tentou fazê-lo. Seus apoiadores foram alvo de mandados de prisão e membros de sua equipe foram detidos. Ambas resolveram apoiar Edmundo Gonzales.

A oposição compromete revitalizar a economia para trazer de volta os milhões de venezuelanos que migraram desde 2013. São o segundo maior contingente de pessoas que cruzaram a fronteira dos EUA com o México. No Brasil, há 195 mil, dos quais 80% em situação de vulnerabilidade.

A pergunta que fica no ar é como Maduro fará para se manter no poder. Já disse que sua derrota resultará num banho de sangue. Está claro, pois, que não pretende aceitar um resultado desfavorável, caso não consiga fraudar as eleições na escala que deseja.

Haverá forte reação internacional se isso ocorrer, mas o regime bolivariano conta com aliados como Cuba, Rússia, Coreia do Norte, Irã e China. Um desfecho como esse empurrará a Venezuela para fora do contexto político do Ocidente. A posição do Brasil sobre tudo isso terá grande impacto nas nossas relações internacionais.